

**A narrativa de Carolina: do diário, à denúncia social****Naira Reinaga de LIMA<sup>1</sup>**

A obra de Carolina Maria de Jesus, *Quarto de despejo* (1960), é escrita em um período de intensificação do processo de desenvolvimento do capitalismo no Brasil, com um forte incentivo à industrialização, iniciado desde a década de 30. Neste processo estão incluídos o surgimento da sociedade de massas, sociedade que massifica e individualiza ao mesmo tempo, a depreciação do modo de vida agrário, que era visto como sinônimo de atraso, e o acelerado crescimento urbano juntamente com o surgimento das favelas nas grandes cidades, como no caso de São Paulo e da favela do Canindé onde viveu Carolina.

Diante deste breve contexto apresentado, a discussão acerca do caráter ambíguo da narrativa de Carolina pode ser entendida como resultado de dois tempos que marcam a vida da autora, assim como a de milhares de pessoas que saíam do interior de todo o país para se estabelecer em São Paulo, capital que simbolizava os ideais de progresso daquela época. Carolina carrega consigo o senso coletivo do rural e o senso individualista do urbano ao mesmo tempo, além de viver entre duas realidades – a realidade da favela e realidade (idealizada) da classe média burguesa. Estas tensões e contradições irão contribuir para a ambigüidade de sua obra, ou seja, na forma de um diário, apesar de seu caráter intimista e individual, nos leva à apreensão de toda uma realidade social.

Na literatura de *Quarto de Despejo* é o ambiente social, a favela, que marca a todo instante a produção de Carolina. No entanto, como a obra é escrita em forma de diário, também está fortemente marcada pela esfera individual da autora, com os relatos de sua vida pessoal. É importante notar que este aspecto intimista da obra é uma espécie de ponte, onde a escrita de cunho individual é capaz de nos levar à realidade da favela.

---

<sup>1</sup> Graduanda em Ciências Sociais, membro do Grupo de Estudos de Literatura e Cinema e do PET/CAPES, pesquisa o cinema colombiano de Victor Gaviria.

Em outras palavras, o aspecto intimista é importante na medida em que a autora denuncia a realidade de forma mais intensa quando escreve para ela mesma, do que quando escreve para o leitor.

Por isso, a questão da denúncia também pode ser abordada dentro da discussão do caráter ambíguo da obra, pois a denúncia é mais forte quando Carolina fala por si: quando fala de sua fome e de seu desespero diante de sua condição de vida, ou quando nos relata o caso do menino que come carne podre do lixo e morre.

A fome, neste caso, é um problema que não atinge somente Carolina. Por isso, ela não fala somente por ela, mas fala por todos os favelados que passam pelas mesmas situações, apontando não só sua relação pessoal com a favela, mas também a relação da favela com o restante da sociedade. Este caráter ambíguo da produção de Carolina destaca a importância deste aspecto individual que consegue atingir uma esfera maior, trazendo à tona toda uma problemática social. Por isso, a história de Carolina – favelada, catadora de lixo e escritora – é também a história de tantos outros favelados desconhecidos.

Às vezes, este caráter de denúncia é reconhecido conscientemente por Carolina, como quando ela escreve em 19 de maio de 1958 que (...) *Aqui na favela quase todos lutam com dificuldades para viver. Mas quem manifesta o que sofre é só eu. E faço isso em prol dos outros*. Apesar de escrever para os outros, o aspecto individualista nunca é abandonado, porque afinal ela também nos afirma em outras passagens que escreve como forma de fugir de sua realidade, para tentar esquecer as péssimas condições em que vive.

A consciência que Carolina possui de que escreve um diário para ela, mas que outras pessoas o lerão, fica bem clara na seguinte passagem:

“(...) Se eu viciar no álcool os meus filhos não irá respeitar-me. Escrevendo isso eu estou cometendo uma tolice. Eu não tenho que dar satisfações a ninguém. Para concluir, eu não bebo porque eu não gosto, e acabou-se. Se você achar que eu estou agindo acertadamente, peço-te para dizer: – Muito bem, Carolina”. (p. 65).

Notamos novamente o caráter ambíguo na narrativa, porque a autora escreve para ela e reconhece que não deve dar satisfações nem explicações de sua vida pessoal a ninguém, mas, ao mesmo tempo, apresenta uma preocupação com sua imagem, já que almeja a publicação de seu diário, na esperança de ganhar dinheiro para sair da favela.

Outro aspecto individualista presente na obra talvez possa ser apontado com relação à necessidade que Carolina possui de se diferenciar a todo instante dos demais favelados. Por exemplo, quando Carolina repreende seus filhos por se interessarem pelos espetáculos de violência que ocorrem na favela, embora diga que para todas as outras crianças aquilo era uma diversão cotidiana. Ou quando afirma que tem pavor das mulheres da favela, afastando-se delas.

Neste sentido, há uma espécie de contradição no discurso de Carolina, pois sua fala é individualista quando ela fala do ponto de vista da classe média, diferenciando-se a todo instante dos demais favelados (poderíamos dizer que ela não é favelada, ela *está* favelada), além de escrever almejando a publicação de seu diário que, por suposto, será lido pela classe média. Por outro lado, quando fala como favelada seu discurso é coletivo, pois fala por todos. Este sentimento expresso em um discurso ambíguo tem a ver com o não-lugar de Carolina, que não consegue se encontrar na favela e nem depois que passa a viver fora dela, após a publicação de seu livro.

Carolina repudia o comportamento dos demais favelados e chega mesmo a afirmar que *a única coisa que não existe na favela é solidariedade* (18 de julho de 1955), ou ainda quando escreve que *quem vive na favela deve procurar isolar-se, viver só. Na favela não há consideração mútua* (1 de junho de 1958). No entanto, a autora reconhece que este aspecto não é exclusivo do ambiente da favela, mas está presente também “do outro lado”, ou seja, a sociedade dos não-favelados. Por exemplo, quando

Carolina escreve que os políticos fazem visitas aos favelados com promessas de melhorar suas condições, mas depois de eleitos nunca mais aparecem. Ou os comerciantes de alimentos que deixam a comida apodrecer mas não doam a quem precisa e até mesmo jogam creolina para que as pessoas não a reaproveitem do lixo. Carolina percebe este egoísmo da nossa sociedade, em todos os seus estratos, quando afirma já estar habituada com a maldade humana.

A solução encontrada por Carolina para os problemas da favela é sair dela: uma vida digna estaria do “outro lado”, nas casas de tijolo, nas pessoas cultas e educadas (lembrando que Carolina considera-se uma pessoa culta e educada), no trabalho “digno”, seguindo toda uma ideologia burguesa.

Como dissemos, a discussão social permeia toda a obra de Carolina, que acreditava que se as pessoas lessem o seu livro, com todo o realismo que ele apresenta, se conscientizariam da necessidade em se acabar com as favelas. Por isso, Carolina tenta nos mostrar as precárias condições em que vivem seus habitantes, condições muitas vezes desumanas, como ter que catar comida podre do lixo para comer e não morrer de fome. Na verdade, essa necessidade de acabar com as favelas, e com a pobreza e a miséria em geral, era uma promessa do desenvolvimento do capitalismo no discurso daqueles anos 60, promessa que, como sabemos, nunca foi cumprida. Por isso, a esperança de Carolina para que o problema da favela fosse resolvido não podia ser outra: acabar com a favela, acabar com o quarto de despejo e ir para a sala de visitas.

## **Referências:**

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo*. São Paulo, Ática, 1993.